



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 26 de Maio de 1999

Escatologia universal: a humanidade a caminho do Pai

1. O tema acerca do qual estamos a reflectir neste último ano de preparação para o Jubileu, isto é, o caminho da humanidade rumo ao Pai, sugere-nos a meditação sobre a perspectiva escatológica, ou seja, a meta final da história humana. Especialmente no nosso tempo tudo acontece com incrível rapidez, tanto no que concerne às descobertas da ciência e da técnica, como no que diz respeito aos meios de comunicação social. Então, é espontâneo perguntar-nos qual é o destino e a meta derradeira da humanidade. A este interrogativo oferece uma resposta específica a Palavra de Deus, que nos apresenta o desígnio de salvação realizado pelo Pai na história, por meio de Cristo e mediante a obra do Espírito.

No Antigo Testamento é fundamental a referência ao Êxodo, com a sua orientação rumo ao ingresso na Terra Prometida. O Êxodo não é apenas um acontecimento histórico, mas a revelação de uma actividade salvífica de Deus, que se realizará progressivamente como os profetas foram encarregados de mostrar, iluminando o presente e o futuro de Israel.

2. No tempo do Exílio, os profetas anunciam um novo Êxodo, um retorno à Terra Prometida. Com este renovado dom da terra, Deus não só reunirá o seu povo disperso entre as gentes, mas transformará cada um no coração, ou seja, nas suas capacidades de conhecer, de amar e de agir: «Dar-lhes-ei um coração novo e infundirei no seu íntimo um espírito novo. Arrancarei da sua carne o coração de pedra e dar-lhes-ei um coração de carne, para que caminhem segundo os meus preceitos e observem as minhas leis e as cumpram. Eles serão o meu povo e Eu serei o seu Deus» (Ez 11, 19-20; cf. 36, 26-28).

Empenhando-se em observar as normas estabelecidas na aliança, o povo poderá habitar num ambiente semelhante àquele que saiu das mãos de Deus no momento da criação: «Esta terra, que se encontrava devastada, tornou-se um jardim do Éden; e estas cidades em ruínas, desertas e assoladas, estão agora restauradas e repovoadas» (*Ibid.*, 36, 35). Tratar-se-á de uma nova aliança, concretizada na observância de uma lei inscrita no coração (cf. *Jr* 31, 31-34).

Depois, a perspectiva alarga-se e é prometida uma nova terra. A meta final é uma nova Jerusalém, na qual cessarão todas as aflições, como lemos no livro de Isaías: «Olhai, Eu vou criar novos céus e uma nova terra... vou criar uma Jerusalém destinada à alegria, e o seu povo ao júbilo. Jerusalém será a minha alegria, e o meu povo o meu júbilo; e doravante não mais se ouvirão aí choros nem lamentos» (65, 17-19).

3. O Apocalipse retoma esta visão. João escreve: «Vi, depois, um novo Céu e uma nova Terra, porque o primeiro Céu e a primeira Terra haviam desaparecido, e o mar já não existia. E vi a cidade santa, a nova Jerusalém que descia do Céu, de junto de Deus, bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo» (21, 1-2).

A passagem para este estado de nova criação exige um compromisso de santidade, que o Novo Testamento revestirá de uma radicalidade absoluta, como se lê na segunda Carta de Pedro: «Uma vez que todas as coisas serão assim dissolvidas, como deve ser santa a vossa vida e grande a vossa piedade! Como deveis esperar e apressar a chegada do dia do Senhor, em que os céus inflamados se dissolverão e os elementos com o ardor do fogo se fundirão! Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos céus novos e uma nova terra, onde habita a justiça» (3, 11-13).

4. A ressurreição de Cristo, a sua ascensão e o anúncio do seu retorno abriram novas perspectivas escatológicas. Efectivamente, no sermão após a Ceia Jesus disse: «Vou preparar-vos um lugar. E quando tiver ido e vos tiver preparado um lugar, virei outra vez e levar-vos-ei comigo para que, onde Eu estiver, estejais vós também» (*Jo* 14, 2-3). Depois, São Paulo escrevia aos Tessalonicenses: «Quando for dado o sinal, à voz do Arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá do Céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro. Depois nós, os vivos, os sobreviventes, seremos arrebatados juntamente com eles sobre as nuvens; iremos ao encontro do Senhor nos ares e assim estaremos para sempre com o Senhor» (1 *Ts* 4, 16-17).

Não nos é dado saber a data deste evento final. É necessário ter paciência enquanto se espera Jesus ressuscitado que, quando os apóstolos lhe perguntaram se devia reconstituir o reino de Israel, respondeu convidando-os à pregação e ao testemunho: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, até aos confins do mundo» (*Act* 12, 7-8).

5. A tensão para o evento final deve ser vivida com esperança serena, empenhando-se no tempo presente na construção daquele Reino que no fim será entregue por Cristo nas mãos do Pai: «Depois virá o fim, quando entregar o Reino a Deus Pai, após ter destruído todo o Principado, toda a Dominação e Potestade» (1 *Cor* 15, 24). Juntamente com Cristo, vencedor sobre os poderes adversários, também nós participaremos na nova criação, que consistirá num retorno definitivo de todas as coisas Àquele de Quem tudo proveio: «E quando tudo lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho se submeterá Àquele que tudo lhe submeteu, a fim de que Deus seja tudo em todos» (*Ibid.*, 15, 28).

Portanto, devemos estar convencidos de que «nós... somos cidadãos do Céu e de lá esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo» (*Fl* 3, 20). Aqui não temos uma cidade permanente (cf. *Hb* 13, 14). Peregrinos em busca de uma morada definitiva, devemos aspirar como os Padres na fé a uma pátria melhor, «isto é, a celestial» (*Ibid.*, 11, 16).